

“FAVELA É O LUGAR, É TEM ATÉ SUPERSTAR¹”: NOTAS ETNOGRÁFICAS SOBRE PRÁTICAS ASTUCIOSAS NO CONTEXTO DO BIOPODER

Cristiano Neves da Rosa
José Geraldo Soares Damico
Antonio Luis Carvalho de Freitas

RESUMO

O presente estudo discute a potência de vida como resistência aos mecanismos do biopoder. Trata-se de um estudo etnográfico realizado na Praça da Brigada Guajuviras, na cidade de Canoas/RS. Ancorado no conceito de biopotência ou potência de vida buscamos discutir como algumas manifestações culturais como o hip hop, os jogos de basquete e futebol podem ser entendidos como linhas de fuga contra os dispositivos do biopoder que atuam no âmbito da vida nua. Consideramos que é neste vazio de direitos que emergem práticas astuciosas buscando adquirir ou inverter a visibilidade social imposta pela atual conjuntura.

Palavras-chaves: potência de vida; biopoder ;hip hop; basquete; futebol.

RESUMEN

Este estudio trata de la potencia de vida como resistencia a las estrategias del biopoder. Se trata de una investigación realizada en la Plaza de la Brigada Guajuviras, ubicada en la ciudad de Canoas/RS. Desde el concepto de biopotencia o potencia de vida, hacemos un análisis de cómo algunas manifestaciones culturales, como el hip hop y los partidos de baloncesto y fútbol pueden ser comprendidos como líneas de huida contra los mecanismos del biopoder que ocurren en el contexto de la vida desnuda. Consideramos que es en este vacío de derechos que emergen prácticas pícaras que buscan adquirir o invertir la visibilidad social puesta por la actual situación.

Palabras clave: potencia de vida, biopoder, hip hop, baloncesto, fútbol.

ABSTRACT

The present study argues the life power as resistance to the mechanisms of bio-power. Is a research done in Square of the Guajuviras Brigade, in the city of Canoas/RS. Based in the concept of bio-power or life power we search to argue as some cultural manifestations as hip hop, the games of basketball and soccer can be understood as lines of escape against the devices of bi-power that they act in the scope of the naked life. We consider that it is in this emptiness of rights that emerge practical of astuteness searching to acquire or to invert the social visibility imposed by the current conjuncture.

Keywords: life power, bio-power, hip hop, basketball, soccer.

¹ RZO, *Superstar*. CD: Evolução é uma coisa, São Paulo: Cosa Nostra, 2002.

INTRODUÇÃO

*Quem diz que na periferia não da pra
curtir? Mano chega aí, mano chega aí.*

*(Mano chega aí)
Z'Africa Brasil*

O presente estudo discute a potência de vida como resistência aos mecanismos do biopoder. O estudo é um recorte de uma pesquisa mais ampla intitulada Espaços Esportivos de Lazer e Sociabilidade Cotidiana: Um Estudo Etnográfico. Nesse sentido, o objetivo deste estudo é descrever as práticas na Praça da Brigada Guajuviras, localizada no bairro Guajuviras em Canoas/RS.

Neste estudo usamos o conceito de biopotência ou potência de vida derivado do termo biopolítica forjado por Michel Foucault. Com objetivos políticos e econômicos a biopolítica é um conjunto de mecanismos regulamentadores e disciplinares que tem na população o seu objeto e nos processos biológicos e na estatística sua ancoragem de saber. É através dos controles de natalidade, de mortalidade, das incapacidades biológicas, dos efeitos do meio ambiente, que se ocupa a biopolítica e são destes dispositivos que ela vai extrair seu saber e definir o campo de intervenção para exercer o poder sobre a vida da população. Uma forma de regramento como parte do processo civilizatório com a finalidade de estender, otimizar a vida ao máximo, de “fazer viver” e “deixar morrer” (FOUCAULT, 2007).

Nas palavras de Foucault:

Aquém, portanto, do grande poder absoluto, dramático, sombrio que era o poder da soberania, em que consistia em poder fazer morrer, eis que aparece agora, com essa tecnologia do biopoder, com essa tecnologia do poder sobre a “população” enquanto tal, sobre o homem enquanto ser vivo, um poder contínuo, científico, que é o poder de “fazer viver”. A soberania fazia morrer e deixava viver. E eis que agora aparece um poder que eu chamaria de regulamentação e que consiste, ao contrário, em fazer viver e em deixar morrer (FOUCAULT, 2007, p. 294).

Alguns autores seguindo a trilha deixada por Foucault, como Antonio Negri, Maurizio Lazzarato e Peter Pál Pelbart propõem uma ampliação do conceito biopolítica. Para os pensadores, biopolítica deixa de ser poder sobre a vida para se transformar em potência de vida (biopotência) numa virada nietzchiana.

Para um melhor entendimento, neste trabalho, faremos referência às culturas juvenis e às diferentes formas de sociabilidade que são experimentadas de muitos e múltiplos modos pelos sujeitos em um dado contexto histórico e num determinado local. Interessa investigar a partir de um espaço que entendemos implicado na produção de diversas experiências de sociabilidade – trata-se da Praça da Brigada Guajuviras, no bairro Guajuviras, na cidade de Canoas, Rio Grande do Sul.

Utilizando o conceito de biopotência, buscamos discutir como algumas manifestações culturais como o *hip hop*, os jogos de basquete e os jogos de futebol

intensamente presentes na Praça da Brigada Guajuviras podem ser entendidos como produção de territórios existenciais alternativos contra os dispositivos do biopoder que operam articulados a discursos que agem no sentido de projetar um olhar estigmatizado das periferias como um misto de pobreza e violência condenando o bairro Guajuviras ao “estado de exceção” que atua no âmbito da “vida nua” (AGAMBEN, 2007), “num poder que se incumbiu [...], da vida em geral, com o pólo do corpo e o pólo da população” (FOUCAULT, 2007, p. 302).

DA PONTE PRA LÁ: O BAIRRO GUAJUVIRAS E A VIDA NUA

O Conjunto Habitacional Ildo Meneghetti, popularmente chamado Guajuviras devido ao nome de uma árvore nativa da região teve o início de sua ocupação no mês de abril de 1987. É o bairro de menor renda média do município com uma população estimada 36.261 habitantes segundo o último censo do IBGE (2000). Foi o maior assentamento urbano da cidade de Canoas localizado na região metropolitana de Porto Alegre/RS. Este conjunto habitacional fez parte de programas que visavam o assentamento de populações pobres na periferia dos grandes centros urbanos nos anos 70 e 80. A principal característica destes programas foi sua preocupação higiênica. Deslocando um grande contingente de pobres para regiões mais afastadas facilitaria o controle diminuindo a circulação dos indesejáveis. Foucault nos alerta que esta é uma das estratégias biopolíticas do “fazer viver”:

[...] “quanto mais espécies inferiores tenderem a desaparecer, quanto mais os indivíduos anormais forem eliminados, menos degenerados haverá em relação à espécie, mais eu – não enquanto indivíduo mas enquanto espécie – viverei, mais forte serei, mais vigoroso serei, mais poderei proliferar”. A morte do outro não é simplesmente a minha vida na medida em que seria minha segurança pessoal; a morte do outro, [...], da raça inferior (ou do degenerado, ou do anormal), é que vai deixar a vida em geral mais sadia; mais sadia e mais pura (FOUCAULT, 2007, p. 305).

A primeira ocupação no bairro se deu nos apartamentos populares ao longo da Avenida Principal. Segundo o relato de moradores mais antigos que participaram da primeira ocupação no bairro, inicialmente o local foi sendo ocupado pelo retardamento constante da entrega das moradias populares para as pessoas que já obtinham a inscrição para residir no local. Assim o conjunto habitacional inicialmente foi ocupado por sujeitos que já aguardavam a liberação para residir e posteriormente o local foi sendo ocupado por outras pessoas vindas de diversos locais onde foram ocupando os demais apartamentos e nas áreas verdes no entorno da Avenida Principal. O bairro se caracteriza por casas, blocos e apartamentos localizados ao longo da Avenida Principal ou Avenida 17 de Abril (data na qual se comemora o aniversário do bairro).

Articulado a estes aspectos, o bairro Guajuviras carrega consigo um conjunto de representações negativas ligadas ao tráfego, a mortes e desavenças, construídos principalmente pelos meios midiáticos que reduzem seu olhar a criminalidade fazendo com que o bairro seja encarado como local hostil reprodutores das violências como

ocorre com todas as favelas e periferias brasileiras contribuindo para políticas repressoras de controle.

A PRAÇA DA BRIGADA GUAJUVIRAS

A Praça da Brigada foi construída e inaugurada no ano de 2004. Possui este nome porque há um posto da Brigada Militar no interior da praça, possui três quadras poliesportivas, todas envolvidas por telas. Uma de voleibol e as outras duas de basquetebol e futebol com marcações e acessórios para tal. Uma pequena pracinha com piso de areia composta por escorregador, trepa, duas gangorras e um suporte de madeira para dois balanços. Um palco destinado para shows e apresentações com arquibancadas de concreto de quatro degraus no seu entorno. Um banheiro desativado, nove bancos, cinco postes de iluminação sendo que somente o poste que fica no centro da praça funciona, os demais postes que cobrem principalmente as quadras de basquete e futebol que são as mais utilizadas não funcionam, tornando quase impraticável os esportes durante a noite e três bebedouros, mas nenhum funciona. Algo que também chama a atenção são as cores da Brigada Militar no piso da praça, visível entre o palco de shows e as arquibancadas.

Com as freqüentes visitas ao campo de pesquisa fomos percebendo o significado da Praça da Brigada Guajuviras para grande parte dos moradores, em especial a população juvenil que vivencia o espaço intensamente de diferentes formas com muitos e múltiplos significados. Dois fatos podem explicar a intensa ocupação na praça. O bairro é composto por muitas ocupações, parte delas de difícil acesso e estrutura precária, incluindo a carência de espaços para o lazer. Como a Praça da Brigada Guajuviras é um dos poucos espaços com boa estrutura e equipamentos oferecidos para as práticas esportivas e de lazer, há um intenso fluxo para o local tanto dos jovens que vivem na chamada “região central do bairro”, próximos ou na Avenida Principal quanto, principalmente, dos jovens que residem nas ocupações chamadas de “vilas” ou “invasões”.

Ao longo de 12 meses de estudo etnográfico possibilitou a observação participante, registros no diário de campo e registro de um vídeo de uma multiplicidade de manifestações culturais com suas diferentes apropriações na praça. É a partir desta vivência que daremos seguimento a este trabalho.

QUEBRADA DAS EMOÇÕES²

Ao lado do poder, há sempre a potência. Ao lado da dominação, há sempre a insubordinação. E trata-se de cavar, de continuar a cavar, a partir do ponto mais baixo: este ponto [...] é simplesmente lá onde as pessoas sofrem, ali onde elas são as mais pobres e as mais exploradas; ali onde as linguagens e os sentidos estão mais separados de qualquer poder de ação e onde, no entanto, ele existe: pois tudo isso é a vida e não a morte (NEGRI, 2001, p.54).

O poder não é soberano, desse modo, sempre que houver a diminuição de poder de um lado, haverá a necessidade da complementação desse poder, e tentativas nessa direção podem ser manifestadas de várias formas. Criativa, a resistência se manifesta de

² Rosana Bronk's, *Quebradas emoções*. CD: Jogar pra ganhar, São Paulo: Cosa Nostra, 2007.

múltiplos modos, ultrapassando limites, se produz como uma válvula de escape, linhas de fuga, buscando a visibilidade ofuscada pelo biopoder.

Ao mesmo tempo em que as periferias brasileiras são atravessadas por um conjunto de dispositivos, com seus discursos, cerceamento de direitos, dados estatísticos que representam uma configuração negativa sobre os sujeitos destes lugares, paradoxalmente, é a partir daí que surgem as intervenções em diversas manifestações político-culturais, novos modos de vida, novas idéias e invenções, buscando maneiras de organização, como resposta às tentativas de adestramento e aprisionamento. Alguns exemplos se caracterizam pela cultura *hip hop*, os jogos de basquete e os jogos de futebol, significativamente representativos na praça pelas juventudes.

Bom exemplo de manifestações de resistência que proliferam num contexto adverso é a turma de basquete da praça com aproximadamente 30 praticantes que colocam suas vidas em cena. A praça é um espaço utilizado pelo grupo de basquete tanto de encontro dos amigos quanto para práticas do esporte nas suas mais variadas formas. Jogos de duplas, trios, times, desafios de arremessos e enterradas acrobáticas, jogadas espetaculares, suas maneiras de vestir-se. Também é na praça que o grupo procura evoluir tecnicamente, organizam-se para eventuais campeonatos de basquete e agregarem outros jovens ao grupo tanto do bairro quanto fora do bairro. Uma maneira de criar vínculos, consolidar amizades, adquirirem visibilidade e representar o lugar onde vivem. Assim como a declaração de outros jovens, as palavras de Ederson manifestam a importância que o grupo tem nas suas vidas:

A gente corre atrás para montar times [...] a gente vai pro torneio entre uma galera e chegando lá se for trio dividimos a gurizada em trio com reservas, se for quadra inteira a gente faz dois times e assim a gente vai. A gente corre atrás, temos até um nome pra fazer um time [...] o nome é JOCKERS é Coringas em inglês [...] vamos até botar na camiseta, na bermuda, vamos fazer uma confecção e vamos espalhar por aí e quem quiser entrar é família, tudo família.

Ederson também comenta a importância da praça para estabelecer e manter o vínculo com os amigos:

A praça pra mim é o lugar da união, [...] ali a gente encontra todos os amigos, todos, todos, durante o dia, durante a noite [...] é o melhor lugar que tem para encontrar os amigos, é o lugar, é o ponto do equilíbrio (Ederson/ diário de campo).

Se inserir em um grupo parece ser um dos aspectos mais valorizados pelos jovens que ao longo deste estudo muitos deles nomearam a turma de basquete da praça como uma segunda casa ou família de modo que “quem é algo é sempre algo para os outros; e quem é algo para os outros relaciona-se com eles e participa, com eles, de alguma experiência gregária. (SOARES, 2006, p.138).

A capacidade de criar caminhos existenciais alternativos, por minúsculos que pareçam é a resposta às formas de marginalização e opressão de toda a ordem que desconecta grupos das redes de sociabilidades. Podemos salientar o exemplo de Juliano Alemão, 26 anos, integrante da turma de basquete que vive no bairro desde sua infância,

na época quando ocorreu a primeira ocupação nos apartamentos populares do conjunto habitacional o jovem tinha 4 anos, sua família foi uma das primeiras a ocupar o local em 1987 e Juliano então acompanhou todo o processo de ocupação e transformações do bairro.

Juliano Alemão criou uma alternativa na tentativa tanto de desconstruir a imagem estigmatizada do bairro como utilizando da mesma ferramenta aproveitar para criar e consolidar vínculos com grupos de jovens praticantes de basquete de outros bairros da cidade e região com uma comunidade no ORKUT que nomeou “Eu moro no Guaju City”.

Eu sobre o Guajuviras tenho toda a minha infância [...] se eu pudesse voltar para aquele Guajuviras de antes eu teria o maior orgulho. Eu tenho uma comunidade no ORKUT que “Eu moro no Guaju City” e eu adoro, eu não tenho vergonha. Tem umas três ou quatro no Guajuviras, mas a que eu participo é “Eu moro no Guaju City”, e eu trabalho numa multinacional onde tem pessoas do dinheiro que dizem “ah, eu moro no centro”, e eu friso bem, eu moro no Guajuviras entendeu. Eu nunca tive vergonha (Juliano Alemão/ diário de campo).

Sua re-ação deixa evidente não só a tentativa de resignificar a imagem do bairro como se auto-valorizando e fortalecendo o grupo de basquete do bairro na medida em que derrubam barreiras fazendo com que outros grupos se desloquem para a praça do bairro ao encontro de sua turma para a prática de múltiplas variações de jogos de basquete. Uma estratégia para sociabilidades com outros grupos tornando-os influentes e visíveis fazendo com que “a turma de basquete do Guajuviras” tenha seu nome difundido positivamente por toda a parte.

A CULTURA HIP HOP: RAP É MINHA CASA, HIP HOP MINHA CIDADE³

A cultura *hip hop*, se caracteriza por uma cultura de rua que reivindica, traz informação e diversão, simultaneamente denuncia as dificuldades da periferia e valoriza o espaço apontando as positivities onde os indivíduos resignificam suas vidas através dos elementos que compõem esta manifestação cultural como uma alternativa possível de vida. Tem suas origens no bairro do Bronx em Nova York nos EUA por volta de 1970 (SPOSITO, 1994) com participação decisiva de jovens afro-americanos e caribenhos na sua constituição.

A cultura *hip hop* é composta por quatro elementos: o *rap* (*Rhythm and Poetry*), expressão musical-verbal da cultura; o *DJ* (*Disc Jockey*), responsável pela extração das batidas musicais retiradas de bases eletrônicas ou toca-discos; o *graffiti*, é a forma de manifestação através da arte expressa por desenhos coloridos realizados por grafiteiros pelas ruas da cidade e o *break dance*, que se manifesta através da dança. Podemos mencionar também o *beat box*, batidas com a boca e o *Freestyle* que é o improvisado do MC aliado a batida como elementos ocultos da cultura.

³ Trecho da música do grupo de rap SP FUNK, *Enxame*. CD: O lado B do hip hop, São Paulo: Trama, 2001.

Damos ênfase também ao grupo de *break dance* Conexão Hip Hop. O Grupo Conexão Hip Hop tem 14 meses de formação, é composto por seis jovens evangélicos, Martileno, Douglas, Tailon, Guga, Paul e Jackson, moradores de uma das vilas do bairro com idades entre 15 e 17 anos que usam o salão da igreja onde freqüentam para treinos e ensaios nos sábados e fazem da Praça da Brigada Guajuviras o principal local para aperfeiçoamento e ensaios dos movimentos coreografados da dança nos demais dias. Vestidos com roupas características dos *hip hoppers* e utilizando músicas *rap* armazenadas em um telefone celular que quase não dá para ouvir, os jovens diariamente proporcionam verdadeiros espetáculos na praça aperfeiçoando seus movimentos de dança. Frequentemente recebem convites e realizam apresentações em diversos lugares como nas escolas do bairro, outras escolas fora do bairro, aniversários e principalmente na igreja. O principal meio de divulgação do grupo é através dos seus telefones particulares que os jovens distribuem para as pessoas caso alguém se interesse por suas apresentações:

A gente tá divulgando o grupo por aí tudo [...] a gente tá até com um contato, um número pra deixar se caso alguém quiser chamar a gente pra dançar, se apresentar em algum lugar, qualquer lugar, até de graça, é só pra dançar porque a gente gosta de dançar muito (Martileno/ diário de campo).

Um dos acontecimentos mais interessantes aconteceu no dia 18/07/08 quando realizamos o registro de um vídeo etnográfico com os jovens freqüentadores da praça. No momento em que estávamos filmando e entrevistando os jovens do grupo Conexão Hip Hop, se aproximou Robson, um jovem *MC* freqüentador da praça, morador da Vila Brehm que faz de sua vivência no bairro uma ferramenta para criar músicas com rimas de manifesto de seus anseios de fatos cotidianos no bairro. Ele acompanhava a entrevista próximo ao grupo e houve um momento em que solicitamos aos jovens do grupo Conexão Hip Hop que realizassem uma apresentação para a filmagem, então o jovem Martileno pegou seu telefone celular e selecionou uma música para acompanhar a performance do grupo. No momento em que a música iniciou no celular com o som muito baixo devido à má qualidade do celular que era um aparelho simples sem muitos recursos e os jovens se preparavam para iniciar a apresentação, Robson, sem conhecer e nunca ter conversado com os jovens do grupo, solicitou que os jovens desligassem o aparelho celular, pois ele improvisaria um *rap* para que os jovens desempenhassem suas danças. Ao embalo de rimas de Robson que cantava situações cotidianas do bairro os jovens do grupo Conexão Hip Hop a luz da câmera de filmagem e de todas as outras pessoas que ocupavam a praça e se aproximaram para assistir, iniciaram seu espetáculo. Nas palavras de improviso de Robson iniciou-se a apresentação de *break dance* dos jovens:

Curtir no Guajuviras felizmente é o que tem aqui pode crer Conexão Vila Brehm, na baixada Guajuviras muita treta, correria, esse é o dia a dia quem é fraco não se cria, no dia a dia tem que manter o proceder na picadilha, firme e forte eu quero ver [...] essa é a lei vacilou leva rajada, quando o bicho pega vai ser felicidade, o primeiro

passo é rezar pra não estar atrás [...] (Robson/ diário de campo).

O rap (*rhythm and poetry*) tem raízes históricas numa sociedade onde a raça negra e pobre foi estigmatizada, sendo-lhe atribuída a condição de inferioridade e exploração; com isso, manifestou-se o embrião reivindicatório da música negra de protesto, o que nos leva até o período colonial norte-americano (SPOSITO, 1994) e, posteriormente, à sociedade moderna americana da década de 60, com nova configuração e simbologia diferenciada, caracterizando-se como *rap* (OLIVEIRA, 2004). No Brasil, assim como nos EUA, o desenvolvimento da música *rap* ocorre no contexto da cultura *hip hop*.

Em outras de suas rimas na praça, Robson manifestou-se em relação ao consumo e comércio de drogas acompanhado do *beat box* realizado por Martileno do Conexão Hip Hop:

Desesperado é ver o olhar de uma coroa que agora chora vendo o seu filho jogado na rua pedindo esmola, se fosse pão e o leite do dia a dia, mas é pra interar o ciclo pra buscar uma Drica, atitude não tem mais, perdeu sua auto-estima, trocou o seu respeito por uma lata e uma cinza e agora no momento não se encontra mais com nós, na corrida pela vida a morte foi a mais veloz, seu pai passa mal quando abre o jornal, seu filho é destaque da página policial, moleque novo com vários tiros a queima roupa, esse é o pagamento porque devia na boca (Robson/ diário de campo).

Talvez o elemento *rap* da cultura *hip hop* como principal forma de expressão das periferias, mas não a única, está ligado ao que José Machado Pais define como “sensibilidade justiceira do *rap*”:

O rap cultiva uma sensibilidade justiceira, ao denunciar situações de injustiça, para anunciar outros futuros. As palavras soletradas são recuperadas de uma semiótica de rua, transgressiva por natureza, palavras encalvadas em palavrões para melhor insultar, atingir, provocar. Palavras que são da voz da consciência, que se vestem de queixumes, que se revestem de revolta. Voz singular [a de vocalista] que contagia, que se transforma num coletivo [nós os do movimento] que se insurge contra eles [que não nos entendem] (PAIS, 2006, p.13).

Parece que as ações dos jovens do grupo Conexão Hip Hop e de Robson espelham como a partir da expressão corporal do *break dance* e das falas e rimas foram manifestadas visões, sentidos e significados usando a própria vida como vetor de auto-valorização, valorização de suas práticas culturais e, ao mesmo tempo valorização do bairro onde constroem suas caminhadas. Modos de vida que corrobora ao pensamento

de Peter Pál Pelbart destas práticas em tornar a própria vida um capital no contexto do capitalismo contemporâneo que penetra a vida da população.

[...] Quando um grupo de presidiários compõe e grava sua música, o que eles mostram e vendem não é só sua música, nem só suas histórias de vida escabrosas, mas seu estilo, sua singularidade, sua percepção, sua revolta, sua causticidade, sua maneira de vestir, de “morar” na prisão, de gesticular, de protestar, de rebelar-se – em suma sua vida. Seu único capital sendo sua vida, no seu estado extremo de sobrevida e resistência, é disso que fizeram um vetor de existencialização, é essa vida que [...] se autovalorizou e produziu valor (PELBART, 2003, p. 22).

Nesse sentido, fazer música se torna uma forma de retomar, reinventar, criar uma tática a fim de superar as adversidades e positivar a própria vida. É biopotência.

O FUTEBOL EM PROL DA BUSCA DE SIGNIFICADOS

Não menos importante é o futebol jogado na Praça da Brigada Guajuviras. Damo (2007, p. 51) salienta o futebol como um jogo diversificado espacialmente, socialmente, com diferentes significados deslocando-o a partir da perspectiva hegemônica veiculada pela mídia especializada. Nesse sentido, podemos destacar a turma de futebol da praça. Com aproximadamente 46 jovens que ocupam sistematicamente uma das quadras da praça sem contar outros jovens que por vezes chegam e se inserem no grupo para jogar, pois se caracteriza por um coletivo aberto, o futebol na praça parece lapidar como um espaço de formação de identidades grupais.

Luiz Eduardo Soares destaca a importância de um grupo para os jovens como meio de auto-valorização e visibilidade na sociedade. Nas palavras do antropólogo:

Todos nós nos sentimos reconfortados quando nos filiamos a algum grupo. Participar de um grupo é gratificante porque fortalece o sentimento de que temos valor e a sensação de que aquilo que pensamos e sentimos é compartilhado por outros, o que lhe revigora o valor da verdade e de correção moral (SOARES, 2006, p.150)

O futebol parece ser o elo entre estes jovens para a construção de identidades e o desenvolvimento de sociabilidades onde se criam e fortalecem laços de amizade. Isto parece ficar evidente na fala de Alex, um jovem morador de uma das vilas do bairro que além de ser integrante do Instituto Movimento Cultural Canta Brasil onde é *MC* e *break dance* participa sistematicamente dos jogos com o grupo de futebol na qual ele comenta ser essencial:

Quando eu morava no Paraná eu tinha o pensamento de ser jogador de futebol [...] até joguei em uma escolinha lá [...] só que era meio longe de casa e eu tive que parar um tempo e nesse meio tempo vim

morar no sul [...] morei na Mathias eu tinha 8, 9 anos e eu achava a Mathias meio parada no futebol, era difícil achar quadra [...] até que eu vim pro Guajuviras e aí que estourou a paixão porque aqui conheci vários guris, a gente jogava bola nas esquinas, [...] até que em 2004 construíram a Praça da Brigada. A praça é o encontro das pessoas no Guajuviras, tem festa? Todo mundo vamos lá, é na Praça da Brigada, todo mundo sabe o local de encontro. Ali que eu criei amizades, jogava futebol, eu fui conhecido por muita gente, várias pessoas mesmo foram meu amigo por causa do futebol [...] ali é o local de encontro, aquela praça ali foi muito bom (Alex/ diário de campo).

A criatividade dos jovens circula nos jogos diários na praça. Diferentes variações de jogos com duplas, trios contra ocupando meia quadra com um goleiro, por vezes revezando o goleiro, os jogos de “três dentro e três fora”, o “gol a gol” onde a regra estabelecida pelos jovens é não defender com as mãos e isso faz com que os jogadores inventem diferentes modos de defender o seu gol como afastando de cabeça, aparando com o peito, de bicicleta. Estas são algumas maneiras de jogar quando há poucos jovens na quadra que muitas vezes antecede os grandes jogos propriamente ditos enquanto um número suficiente de jogadores não chega para fazer times. Quando ocorrem os grandes jogos são feitos times de cinco jogadores e enquanto dois times se enfrentam os demais aguardam sua vez com tempo de jogo que variam de dois ou três gols com o time vencedor permanecendo em quadra.

Os jogos são muito disputados, por vezes tensos, não há juiz e eventuais conflitos são resolvidos na hora. Jogadas espetaculares como finalizações de bicicleta, toques de letra, jogadas entre as pernas dos companheiros, voleios, passes de calcanhar são frequentes. Todas as discussões e brigas que ocorrem durante os jogos se encerram ao fim das partidas.

O aspecto fundamental para estes jovens parece ser a oportunidade de nos jogos de futebol do encontro com os amigos, a consolidação e interação dos laços de amizade na medida em que aceitação e participação em um grupo potencializa a vida dos sujeitos. “Quão mais coeso o grupo, maior a gratificação que se extrai da participação” (SOARES, 2006, p. 150).

A GUÍSA DE CONCLUSÃO

Ao propormos um estudo baseado na perspectiva pós-estruturalista, supomos algumas conclusões que são críticas e desestabilizam o discurso hegemônico da relação míope de misto de pobreza, violência e falta de perspectivas. Damico (2003, p.28) aponta que, ao abandonarem-se as grandes categorias, o que se coloca em jogo não é a revelação de uma verdade última que explica o efeito preciso de alguma coisa, mas o modo como determinadas verdades produzem efeitos de saber-poder.

É neste vazio de direitos que emergem práticas astuciosas, onde estas mentes e corpos que brincam, jogam, realizam jogadas extraordinárias, dançam, através da música, da rima e do improviso contestam, reivindicam, manifestam seu descontentamento e declaram o afeto pelo lugar onde se encontram, emaranhados de criatividade, buscam significados a fim de ganhar ou inverter a visibilidade no tecido

social imposta pela atual conjuntura. Essas forças-invenções são estimuladas pelo próprio biopoder, ocasionando a seguinte situação, tão bem descrito nos estudos de Peter Pál Pelbart:

Todos e qualquer um inventam, na densidade social da cidade, na conversa, nos costumes, no lazer – novos desejos e novas crenças, novas associações e novas formas de cooperação. A invenção não é prerrogativa dos grandes gênios, nem monopólio da indústria ou da ciência, ela é a potência do homem comum. Cada variação, por minúscula que seja, ao propagar-se e ser imitada torna-se quantidade social, e assim pode ensejar outras invenções e novas imitações, novas associações e novas formas de cooperação. Nessa economia afetiva, a subjetividade não é efeito ou superestrutura etérea, mas força viva, quantidade social, potência psíquica e política (PELBART, 2003, p. 23).

Finalmente, cabe dizer que, ao longo do texto, utilizamos como título, em alguns subtítulos e na margem direita da lauda 2 trechos de *rap* que pulsaram em nós durante a feitura deste trabalho e que, de modo especial, tanto explicitam uma costura do texto problematizando aspectos relacionados à potência de vida quando trazem esperança e o grito da periferia escutado por meio desses artistas que criam e recriam nossas angústias – as angústias pela diminuição das desigualdades, por mais oportunidade e valorização da vida.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, G. Estado de Exceção. Tradução de Iraci D. Poleti, São Paulo: Boitempo Editorial, 2004, (Coleção Estado de Sítio), 2ª edição: julho de 2007.
- DAMICO, J.G.S. “Quantas calorias preciso [gastar] para emagrecer com saúde?” Como mulheres jovens aprendem estratégias para cuidar do corpo. Porto Alegre:UFRGS,2004. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004, p.28.
- DAMO, A.S. A rua e o futebol. In; STIGGER, M.P; GONZÁLEZ, F.J; SILVEIRA, R. (org.) O esporte na cidade. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007, p. 51-70.
- FOUCAULT, M. Arqueologia do saber. Rio de Janeiro: Forence Universitária, 1987, p. 56.
- FOUCAULT, M. Em defesa da sociedade. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- NEGRI, A. Exílio. São Paulo: Iluminuras, 2001.
- OLIVEIRA, P. Hip hop na perspectiva dos movimentos sociais: Práticas Corporais. Florianópolis: Blumenau Ciência & Arte,v.4, 2006, p.64.
- PAIS, J. M. Buscas de si: expressividades e identidades juvenis. Culturas jovens: Novos mapas do afeto, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006, p.13.
- PELBART, P.P. Vida Capital: Ensaio de Biopolítica. São Paulo: Iluminuras, 2003.
- PENNA, R. Canoas- Para lembrar quem somos: Guajuviras, nº 5, 1998.

SOARES, L.E. Juventude e violência no Brasil contemporâneo. In; NOVAES, R. e VANNUCHI, P. (orgs) Juventude e sociedade; trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo; Editora Fundação Percecu Abramo, 2004, p. 137-150.
SPOSITO, M. P. A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade. Templo Social; Rev. Sociol. USP, São Paulo, 1994, p.169.

Destacamos que apesar do artigo ser uma produção coletiva, a observação participante e os diários de campo foram produzidos individualmente pelo primeiro autor.

Cristiano Neves da Rosa
Acadêmico /bolsista PROICT/ULBRA
End: Rua Piauí, 261, Bairro Niterói/ Canoas/RS. Cep: 92130240
E-MAIL: cristneves_rs@yahoo.com.br

José Geraldo Soares Damico - Prof. Adjunto Educação Física/ULBRA – Mestre e Doutorando em Educação (PPGEDU/UFRGS)

Antonio Luis Carvalho de Freitas - Prof. Adjunto Educação Física/ULBRA- Mestre e Doutorando em Educação (PPGEDU/UFRGS)

NUPÉ da Cidade - Núcleo de Pesquisa em Pol. Públicas de Esporte e Lazer (CNPq)
Fonte Financiadora: Rede CEDES/ Ministério dos Esportes